

BULLYING NA SALA DE AULA

IVONE PINGOELLO

UNESP

ivonepingoello@hotmail.com

MARIA DE L. MORALES HORIGUELA

UNESP

mlourdes@marilia.unesp.br

RESUMO: Este artigo expõe os resultados de pesquisa¹ sobre o comportamento adotado pelo aluno vítima do *bullying* em sala de aula. Nossos participantes foram 35 alunos de uma turma de 5ª série e onze educadores. A metodologia consistiu em observação em sala de aula; teste sociométrico e questionários para os educadores. Adotamos como categoria base para o registro dos comportamentos as referências da pesquisadora Fante. Os resultados parciais revelaram uma clara associação dos comportamentos adotados pelas vítimas típicas citados pela autora com os comportamentos registrados de dois alunos identificados como vítimas nas observações; o teste sociométrico revelou que ambos ocupam uma posição de isolamento nas escolhas afetivas e intelectuais. As respostas aos questionários revelaram que os educadores têm uma boa percepção dos conflitos e das exclusões existentes em sala de aula, porém não relacionam esses problemas com o *bullying* e não possuem uma orientação adequada para solucionar os conflitos.

PALAVRAS-CHAVE: violência escolar; *bullying*; comportamento.

ABSTRACT: This article presents the results of the research about the behavior adopted by the students victim of bullying in the classroom. The participants were 35 students from the 5th grade and eleven teachers. The methodology consisted of classroom observation, sociometric tests and questionnaires to the teachers. One adopted as basic category to record the behavior the references of Fante. The partial

¹ Pesquisa realizada por ocasião dos trabalhos de dissertação intitulada “Descrição comportamental e percepção dos professores sobre o aluno vítima do *bullying* em sala de aula” do programa de Pós-Graduação em Educação, defendida na Universidade Paulista “Julio de Mesquita Filho” *campus* de Marília, SP, em 2009.

results showed a clear association of the behavior adopted by the typical victims researched with the behavior recorded from two students identified as victims in the observations; the sociometric test showed that both occupy a position of isolation on emotional and intellectual choices. The answers of the questionnaires revealed that the teachers have a good perception of the conflicts and exclusions that exist in the classroom, but did not associate these problems with the bullying and do not have an adequate guidance to solve the conflicts.

KEY WORDS: school violence; bullying; behavior.

SUMÁRIO: 1. Introdução. 2. Referencial teórico. 3. Metodologia. 4. Resultados. 5. Discussão. 6. Considerações finais.

1. Introdução

A escola, que é um ambiente onde se consolidam as interações sociais entre crianças, tem sido palco de situações conflituosas e demonstrações de atitudes violentas entre alunos. Dentre essas atitudes, destaca-se o *bullying* que é caracterizado como uma variedade de comportamentos de maus-tratos adotados por um ou mais indivíduos em relação a outro, podendo ser de caráter físico e/ou psicológico. Estudos e pesquisas têm sido realizados com o intuito de desvendar a gênese desse problema e o entendimento de como ele se propaga para, com uma base científica, propor programas que o resolvam ou o minimizem. Algumas das consequências causadas pelo *bullying* são reações de estresse, baixo rendimento escolar, baixa auto-estima, pensamentos destrutivos, como a idéia de vingança, que pode ser exteriorizada contra a própria instituição e pensamentos e ações suicidas, como a mídia tem noticiado.

Nosso interesse voltou-se para este trabalho a partir de análises das consequências do *bullying* sobre o aluno e a constatação de que este fenômeno não é reconhecido como violência por alguns professores, mas sim como brincadeiras próprias da idade, contribuindo com o processo de naturalização da violência ocorrida nas escolas e a banalização do sofrimento das vítimas. Devido à falta de informações a respeito do assunto, o professor tem dificuldades em diagnosticar o *bullying* e, conseqüentemente, não irá adotar uma medida eficaz para seu combate e prevenção.

2. Referencial teórico

Os estudos sobre *bullying* são recentes, as primeiras pesquisas a respeito do fenômeno surgiram somente nas últimas décadas e o interesse sobre o assunto tem aumentado mundialmente. Olweus (1996), da Universidade de Bergen, Noruega, é citado como o primeiro pesquisador a realizar pesquisas específicas sobre o *bullying*.

No Brasil as primeiras pesquisas referentes ao fenômeno foram feitas pela Associação Brasileira de Proteção à Infância e ao Adolescente (ABRAPIA), sob a coordenação das professoras Aramis A. Lopes Neto e Lucia Helena Saavedra e da pesquisadora

Cleo Fante. Estas pesquisas revelaram que o *bullying* está presente nas escolas brasileiras, independente de sua localização, tamanho, séries atendidas, se são públicas ou privadas e o lugar indicado como de maior incidência do fenômeno foi a sala de aula (LOPES NETO & SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

O termo *bullying*, palavra de origem inglesa, foi adotado no Brasil por não existir outra palavra que abrangesse todo o seu significado. Traduzido, *bully*, como substantivo, significa valentão, brigão ou tirano e, como verbo, significa brutalizar, tyrannizar, amedrontar, intimidar. Definindo, *bullying* é uma variedade de comportamentos de maus-tratos adotados por um ou mais indivíduos em relação a outro, podendo ser de caráter físico e/ou psicológico, caracterizado pela sua repetitividade e desequilíbrio de poder, em que a vítima geralmente é de estatura, força física ou habilidade de defesa menor que o agressor, por isso é transformado em alvo; o agressor sabe que o aluno mais fraco não tem como revidar, como se defender e não tem quem o proteja de seus ataques, pois está certo de que, por medo de maiores represálias, a vítima não o denunciará. Esta dominação provoca no agressor um alto sentimento de supremacia e geralmente ele consegue atrair para seu grupo outros agressores que imitam suas atitudes, tanto com a mesma vítima como na busca de novos “bodes expiatórios” para suprirem suas necessidades de diversão e auto-afirmação. Quando a luta entre os alunos ocorre de igual para igual, não é caracterizado *bullying*, este fenômeno se descreve como um abuso de poder do mais forte sobre o mais fraco (ESTRELA; AMADO, 2000).

As atitudes agressivas não apresentam motivações evidentes e se manifestam por meio de insultos, intimidações, apelidos pejorativos, gozações que magoam, acusações injustas, implicâncias com alunos que apresentam comportamento, forma de se vestir ou um biótipo diferenciado, causando exclusão, danos morais, materiais e físicos. (LOPES NETO & SAAVEDRA, 2003; FANTE, 2005).

O *bullying* é classificado em direto físico, que consiste em bater, tomar ou estragar pertences; direto verbal, que consiste em insultos, apelidos pejorativos que ressaltam defeitos ou deficiências e atitudes de discriminação; indireto, que se refere à conduta de excluir alguém da turma por motivo de discriminação ou espalhar boatos como forma de destruir a reputação de alguém. (MARTINS, 2005). Uma das características que difere o *bullying* das demais formas de violência é sua repetição. Não se trata de um ato isolado, mas decorre de atitudes diárias de violência contra uma mesma vítima. Entre os gêneros, a ocorrência do *bullying* acontece com mais frequência nos meninos. (BALDRY; FARRINGTON, 2000).

As vítimas podem apresentar características diferenciadas que, segundo Fante (2005) podem ser classificadas em:

Vítima típica: apresenta aspecto físico de sensibilidade, timidez, passividade, submissão, insegurança, baixa auto-estima, dificuldade de aprendizagem, ansiedade, aspecto depressivo e coordenação motora deficiente. Fisicamente é mais frágil que seus companheiros, tem medo de sofrer algum dano, de ser fisicamente ineficaz nos esportes

e nas brigas, tem dificuldades de se impor e não apresenta comportamento agressivo. Geralmente relaciona-se melhor com adultos do que com crianças de sua idade.

Vítima provocadora: é o aluno provocador, mas que não possui habilidades para lidar com as consequências de suas provocações. Briga quando é atacada, mas não consegue resolver a situação. Pode apresentar características de hiperatividade ou ser inquieta, dispersiva e ofensiva.

Vítima agressora: é o aluno que transfere todo seu sofrimento para outro, reproduzindo as agressões sofridas em um aluno mais frágil que ele. Contribui com o aumento no número de vítimas.

Agressor: Poder ter a mesma idade ou ser mais velho que sua vítima, pode ser fisicamente maior, ser mais dinâmico nos esportes e nas brigas. Vangloria-se de sua superioridade, intimida, ameaça, domina e subjuga os outros alunos. Tem dificuldades em aceitar normas, irrita-se com facilidade e não aceita ser contrariado. É visto como o aluno mau, frio e antipático. Pode se envolver em condutas anti-sociais, como roubo, vandalismo e consumo de bebida alcoólica.

Espectador: é o aluno que testemunha todo o sofrimento da vítima, mas não tem coragem de denunciar por medo de represália dos agressores. Com medo de se transformar no próximo alvo, o aluno que testemunha as agressões tende a se afastar da vítima, contribuindo com o processo de exclusão. (FANTE, 2005, p.72).

O *bullying* é um problema difícil de solucionar e de ser detectado, visto que o aluno-vítima normalmente não denuncia as agressões por medo de sofrer represálias dos agressores ou por vergonha de expor aos pais ou professores os apelidos dos quais é chamado, de expor as humilhações que vem sofrendo e sua indefensão diante das agressões; o professor que não conhece o fenômeno não consegue perceber quando um aluno está sendo vítima. A dificuldade que o professor tem em identificar o *bullying* não se deve somente ao fato de não haver denúncia por parte da vítima, devemos considerar que a falta de uma formação continuada abrangendo o tema violência escolar, que dê suporte ao professor no atendimento aos conflitos ocorridos em sala de aula, dificulta o discernimento entre violência e brincadeiras próprias da idade. Além disso, em sua atuação diária, cada professor lida com um grande contingente de alunos, o que dificulta o atendimento individualizado e prejudica a adoção de medidas adequadas para a solução e prevenção do problema (MARRIEL, 2006).

Diante dessa dificuldade, Fante (2005) cita alguns comportamentos próprios de alunos vítimas, formuladas por Olweus (1996), que podem ajudar a identificar quando um aluno está sendo vítima do *bullying* na escola. Os professores devem ficar atentos se: durante o recreio a criança está frequentemente isolada do grupo ou procura a companhia somente de adultos; na sala de aula demonstra insegurança ou ansiedade e dificuldade em falar diante dos demais alunos; nas atividades em grupo é o último a ser escolhido; nas tarefas escolares apresenta um desleixo gradual, demonstra fisionomia deprimida, aflita ou contrariada; apresenta contusões, feridas, cortes,

arranhões ou roupa rasgada sem uma causa natural; falta às aulas com frequência; seus pertences escolares sempre somem. Os pais também devem ficar atentos a esses itens e observar se a criança frequentemente tem, principalmente na parte da manhã, dores de cabeça, pouco apetite e tonturas, explosões de irritação, muda o humor de forma inesperada, inventa desculpas para não ir à aula, apresenta altos gastos na cantina, sempre pede dinheiro extra e não possui amigos fora da escola.

As consequências do *bullying* dependem das características individuais de cada aluno. Ter um bom suporte familiar que proporcione a ele segurança, autoconfiança e o ajude a manter um bom nível de auto-estima facilita a superação do trauma. Não devemos nos esquecer de que as principais vítimas são crianças, portanto, não possuem maturidade nem habilidade suficientes para lidarem com este sofrimento sozinhas. A falta de suporte familiar deixa a criança desorientada, entregue a seus pensamentos, que, em decorrência de repetidas humilhações, podem ser pensamentos negativistas, ocasionando queda na auto-estima, no auto-conceito e provocando comportamentos de fuga e não de enfrentamento dos problemas. Esta fuga constante pode gerar dificuldades de aprendizagem e queda no rendimento escolar, pensamentos de vingança e comportamentos agressivos ou depressivos, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, que podem levar a um pensamento suicida (FANTE, 2005).

Deve-se levar em consideração também o isolamento social, que é nefasto e perturba o ajustamento psicossocial do indivíduo ao longo da vida (CARVALHO, 2006). As relações sociais bem sucedidas em sala de aula são vitais para o bom desenvolvimento intelectual e social do aluno; é de fundamental importância que o professor intervenha quando percebe que movimentos excludentes decorrentes do *bullying* ou de outras formas de discriminação estão ocorrendo em sala de aula. A percepção e a intervenção ficam limitadas na medida em que não se tem conhecimento sobre a forma como o *bullying* se apresenta e se propaga, fato que pode contribuir para a omissão de caso, para a sensação de impunidade dos agressores e para o sentimento de insegurança nos alunos.

3. Metodologia

A população de referência para o estudo foi composta por 35 alunos na faixa etária de 11 a 13 anos, matriculados em uma turma de 5ª série do ensino fundamental de uma escola estadual do Paraná e 11 educadores envolvidos com a turma pesquisada, sendo que dois ocupam o cargo de orientadores do período e nove são professores da turma; oito dos 11 educadores são do sexo feminino e três do sexo masculino, a faixa etária dos educadores variam de 30 a 50 anos de idade, todos possuem graduação na área em que atuam, um professor possui curso de especialização e mestrado e os demais possuem curso de especialização e a média de tempo exercendo a profissão é de 22,6 anos.

Os procedimentos adotados foram: observação comportamental em sala de aula, teste sociométrico e questionários para os educadores. Na observação foi

adotada a técnica de registro cursivo, utilizando para as anotações, o Protocolo de Observações, seguindo o modelo de Danna e Matos (2006), onde cada ato agressivo, seguindo a categoria de comportamentos adotados pelos agressores e vítimas do *bullying* citados por Fante (2005), foi anotado no Protocolo. Para a preservação da identidade do aluno, foram adotados códigos de identificações nos registros dos comportamentos. Ao final das anotações, os dados foram transcritos para a ficha individual para identificação do aluno vítima do *bullying*. Observando-se a repetição de atos agressivos sofridos por um mesmo aluno, este passa a ter um quadro próprio, em que é transcrita a ação sofrida, podendo ser verificada, então, sua frequência ou não, caracterizando assim, se aquele aluno pode ou não ser considerado uma possível vítima. As observações foram divididas em duas etapas: na primeira etapa o objetivo foi identificar a vítima, portanto, todos os alunos foram observados; na segunda etapa, as observações voltaram-se apenas para os alunos identificados como possíveis vítimas do *bullying* com o objetivo de confirmar os dados colhidos na primeira etapa e descrever o comportamento adotado por esses alunos.

O teste sociométrico, desenvolvido por Moreno (1992), que o define como “[...] um instrumento que examina estruturas sociais através da medição das correntes de atração e repulsa que existem entre indivíduos em um grupo” (Moreno, 1992, p. 195), teve como objetivo verificar se o aluno vítima do *bullying* é excluído dos círculos de amizades. Após o teste, pudemos perceber a posição ocupada por cada integrante do grupo. Seguindo as definições de Saravali (2005), essas posições podem ser: isolada é a pessoa que não escolhe nem é escolhida por ninguém; rejeitada é a pessoa que não é escolhida por ninguém ou é escolhida apenas pelos membros com quem se relaciona; estrela ou líder é o membro que possui várias escolhas; o par acontece quando há escolha mútua entre dois membros do grupo e não há outras ligações; o triângulo ocorre quando o par quebra sua vinculação a partir da aceitação de um terceiro membro; ilha ou “panela” são pessoas do grupo que se relacionam, mas permanecem isoladas dos demais (SARAVALI, 2005, p. 70). Para a aplicação do teste, utilizamos o modelo de Saravali (2005), que consiste em solicitar ao aluno que escreva em uma folha de papel o nome de dois colegas com os quais gosta de brincar na hora do intervalo, o que representa a escolha afetiva, e o nome de dois colegas com os quais gosta de fazer as atividades em sala de aula, o que representa a escolha intelectual; assim, cada aluno teve a oportunidade de escolher quatro nomes. Os dados colhidos foram transferidos para uma folha sociomatrix e depois para o sociograma, gráfico que revela as estruturas de escolhas, rejeição e neutralidade. Sendo quatro as opções de respostas, quatro gráficos foram montados.

O questionário para os educadores, contendo 26 questões, teve como objetivo verificar qual a percepção que eles têm a respeito do *bullying*. O questionário foi dividido em três partes: a parte A foi destinada a questões inerentes às características pessoais dos educadores; a parte B refere-se a questões sobre os problemas, comportamentos e relacionamentos entre os alunos da turma pesquisada; a parte C destina-se à opinião pessoal dos educadores a respeito do tema proposto.

4. Resultados

Foram observadas 46 horas/aula; dos 35 alunos observados na primeira etapa, oito estiveram envolvidos com episódios característicos de vítimas do *bullying* e continuaram sendo observados na segunda etapa. Destes oito alunos observados, dois alunos foram confirmados como vítimas de *bullying* e apresentaram comportamentos de vítimas típicas, conforme descrição de Fante (2005). Os alunos D7 e C3 foram alvos de insultos, apelidos pejorativos, atitudes de discriminação e de brincadeiras que humilham. Quanto ao comportamento, os alunos D7 e C3 ficam isolados dos demais alunos em sala de aula, não fazem questionamentos aos professores, são fisicamente menores que seus agressores, são submissos quando sofrem ataques, não apresentando reações de defesa, não apresentam comportamentos agressivos e, segundo notas apresentadas nos boletins escolares e relato dos orientadores e do vice-diretor da escola, apresentam baixo rendimento escolar. O diferencial entre os dois alunos é que D7 não toma iniciativas de contato com alunos da sala, já C3 apresenta comportamentos nos quais evidencia querer participar de atividades junto com outros alunos.

Os alunos C3 e D7 são também excluídos dos grupos de amizades, isso tanto no que se refere às escolhas afetivas como também às escolhas intelectuais. A aluna D7 ocupou a posição de isolada em todas as opções de escolha, fato que comprova seu isolamento social e também sua auto-exclusão. O aluno C3 ocupa uma única vez a posição de isolado, momento em que não escolhe e nem é escolhido por ninguém; nas demais opções, C3 aparece como rejeitado.

Quanto aos questionários, neste artigo optou-se por destacar as questões mais relevantes para a interpretação da percepção dos educadores sobre o *bullying*; as respostas dos orientadores são citadas separadamente por representarem uma visão que pode ser diferenciada da visão dos professores e serão apresentadas em forma de itens.

Questionados sobre o relacionamento entre os alunos, os orientadores responderam: existem grupos fechados, alunos individualistas e falta de respeito entre os alunos. As respostas dos professores foram: conversa em excesso provoca confusão entre os alunos; a indisciplina causa atritos entre eles; existem pequenos grupos em sala de aula que excluem os demais alunos; alguns alunos têm bons relacionamentos e alguns brigam entre si; o relacionamento entre os alunos depende do professor.

Em relação à existência ou não de alunos excluídos nesta série, os orientadores responderam que existem alunos excluídos dos grupos de amizades, 4 professores responderam que há alunos excluídos nesta turma, 4 responderam que não há alunos excluídos nesta turma, um professor deixou de responder esta questão.

As questões de número 4, 5 e 6 da parte B do questionário foram destinadas aos professores que responderam que havia alunos excluídos em sala de aula, os que responderam que não deveriam deixar estas questões em branco. Os motivos da exclusão foram questionados àqueles que responderam que ela existia e as

respostas dos orientadores foram: existência de alunos repetentes, o que gera um desnível de faixa etária, e variedade de nível social. Respostas dos professores: comportamentos desregrados, falta de respeito, timidez, medo, indisciplina, auto-exclusão, brincadeiras de mau gosto, apelidos, xingamentos e intimidações.

Quanto ao comportamento adotado pelos alunos excluídos, os orientadores responderam: “Há os alunos que se sentem discriminados, apresentam complexo de inferioridade e se auto-excluem e existem os alunos que respondem a discriminação com agressão”. Respostas dos professores: os alunos excluídos são pouco participativos, ficam calados, nem sempre estão à vontade em sala de aula, ficam isolados dos demais por serem indisciplinados, tentam aparecer o tempo todo.

Quanto à comparação entre o desempenho escolar dos alunos excluídos e não excluídos, os orientadores responderam que: “Os alunos excluídos se trancam em seu mundo interior obstruindo canais de aprendizado” e “A exclusão gera desequilíbrio na turma e os excluídos, quando não fazem suas atividades, tarefas, provas, trabalhos, além de não mostrarem interesse, ninguém se oferece para ajudar, com isso seus rendimentos escolares ficam a desejar”. As respostas dos professores foram: o rendimento do aluno excluído é mais fraco; o aluno excluído apresenta um mesmo desempenho e, às vezes, até um desempenho maior; alguns alunos excluídos apresentam o mesmo desempenho, outros não, está relacionado ao conhecimento e à maturidade.

Na questão 7 da parte B do questionário, foram sugeridos 15 comportamentos, dentre os quais os educadores deveriam assinalar os que eram percebidos com maior frequência em sala de aula. Apresentamos no quadro abaixo os comportamentos sugeridos. Os números apresentados na coluna ao lado de cada comportamento correspondem à quantidade de vezes em que o comportamento foi assinalado.

Comportamentos	Quant.
Agressão verbal	10
Implicância	08
Desinteresse	07
Gestos ofensivos	07
Chamar um aluno por um apelido que o humilha	07
Empurrões	06
Exclusão de um aluno de um grupo de amizade	06
Arremessar objetos contra outro aluno	05
Danos aos objetos e móveis da sala	04
Agressão física	03
Intimidação (assustar, apavorar como meio de controle do outro)	03
Espalhar boatos maldosos	02
Extorsão (emprego de força ou ameaça para obtenção de um bem)	01
Agressão de vários alunos dirigida a um só aluno	01
Roubo	00

Quadro: Comportamentos que os educadores percebem com mais frequência em sala de aula

Verifica-se no quadro que a agressão verbal é o comportamento de maior incidência observado em sala de aula, assinalada por 10 educadores; a implicância ocupa a segunda posição e na terceira posição estão o desinteresse, os gestos ofensivos e o ato de chamar um aluno por um apelido que o humilha. Vale ressaltar que estes comportamentos são citados como característicos de *bullying* se praticados de forma repetitiva contra uma mesma vítima (FANTE, 2005).

Quando questionados se já participaram de cursos preparatórios para a mediação de conflitos em sala de aula, os 2 orientadores e 3 professores responderam já terem participado e 6 professores disseram não terem participado de nenhum curso dessa natureza. Em relação ao conhecimento que possuem sobre o *bullying*, os orientadores responderam saber pouco sobre o assunto, 1 professor respondeu que sabe tudo, 7 professores responderam que não sabem nada e 1 professor respondeu “Não me interessa”.

Como causas mais frequentes para os comportamentos violentos adotados por alunos contra outros alunos em sala de aula, os orientadores responderam: injustiça social; exclusão; desníveis sociais; estrutura familiar (pais separados, falta de carinho, atenção e educação) e falta de religião. As respostas dos professores foram: problemas de estrutura familiar; quebra de valores; provocação entre os próprios alunos; maior valorização dos bens materiais e menor valorização do ser humano; falta de diálogo na família; perda de autoridade dos pais; modelo político de desonestidade; falta de ideal; falta de trabalho, saúde, educação, habitação e segurança; falta de limites dados pelos pais ou responsáveis; existência de alunos que querem aparecer, chamar a atenção.

Quanto às características dos alunos que sofrem exclusão dos grupos de amizades, os orientadores responderam: nível social; alunos com dificuldades de aprendizagem e “os bons alunos com facilidade de aprendizagem e que se tornam egoístas”. Os professores responderam: aspectos físicos (defeitos físicos, raça, cor, bonito, feio); situação econômica; comportamentos (trejeitos, opção sexual, timidez, jeito de se vestir); alunos estudiosos; alunos quietos; alunos que apresentam defasagem de conteúdo e chamam a atenção por meio de brincadeiras.

Quanto aos procedimentos adotados pelos professores quando ocorrem comportamentos agressivos ou violentos, as respostas foram: procura resolver com diálogo; chama a atenção; leva ao conhecimento da orientação e supervisão ou direção da escola; ignora os comportamentos agressivos; evita o ócio dos alunos; faz advertências por escrito no livro do professor e se o comportamento insistir, chama os pais ou responsáveis; ameaça fazer ocorrência e encaminhar para a coordenação da escola. Quanto ao procedimento adotado diante de atos agressivos e violentos, os orientadores relataram processos idênticos: “Convidamos os alunos envolvidos a irem até à sala da coordenação para uma conversa, lavramos em ata e fechamos com um acordo. Quando há reincidência, telefonamos para os pais ou responsáveis para uma conversa. Se continuarem, levam uma advertência que fica na pasta do aluno”.

5. Discussão

Os resultados revelam uma clara associação dos comportamentos adotados pela vítima típica do *bullying*, citados por Fante (2005) com os comportamentos registrados nas observações, adotados por dois alunos identificados como vítimas. Os alunos D7 e C3 são fisicamente menores que seus agressores e não reagem defensivamente quando são agredidos. Estas características são um dos indicadores do uso do poder e da força física para intimidar; quando esta diferença de poder não existe, segundo Estrela e Amado (2000), não podemos definir o problema como *bullying*, pois este é caracterizado como um desnível de poder entre agressor e vítima. O baixo rendimento escolar dos alunos D7 e C3, segundo as notas nos boletins e o relato dos orientadores e do vice-diretor da escola é citado por Fante (2005) como um indicativo de que algum problema pode estar ocorrendo na escola. No caso dos alunos D7 e C3, já existe a indicação de que ambos são alvos do *bullying*, portanto, uma análise mais detalhada deve ser feita para verificar se há outro motivo que pode estar correlacionado com o problema do baixo rendimento escolar desses alunos.

Quanto ao fato de D7 não ter iniciativas de contato com os outros alunos da sala, estar sempre de cabeça baixa e não fazer questionamentos com os professores, podemos sugerir, baseados nos relatos de Fante (2005) e Lopes Neto (2003), que este comportamento está relacionado ao fato de não querer chamar a atenção para si com medo de ser alvo de novas atitudes ofensivas, o que de certa forma prejudica o desempenho nas atividades propostas pelo professor, acarretando déficit na aprendizagem, pois as dúvidas sobre os conteúdos não são sanadas, não ocorre troca de informações, ficando assim, prejudicadas tanto as relações sociais como as intelectuais. Já o aluno C3, conforme registros de observações, tem iniciativas de conversas ou brincadeiras com os demais alunos, porém sem obtenção de êxito, sua atenção na sala de aula estava constantemente voltada para aqueles com quem gostaria de brincar. O medo e a fuga são citados por vários autores como motivos de baixo rendimento escolar, mas a constante busca por amigos não foi encontrada como motivo de desvio de atenção. Seja por medo, seja na busca de interações sociais, o fato é que a exclusão provoca um déficit em atenção em sala de aula, que pode estar voltada para defesa das agressões ou para tentativas de aceitação.

A questão da exclusão aparece tanto no registro das observações como nas respostas dos educadores, ainda que estes não tenham citado nomes, mas confirmaram a presença de alunos excluídos. O sociograma confirmou essa tendência. Todos os alunos da sala tiveram a oportunidade de quatro escolhas, duas afetivas e duas intelectuais, os alunos D7 e C3 não foram escolhidos em nenhuma das quatro opções. Esta exclusão, segundo Fante (2005), pode ter como motivo o medo dos demais alunos de serem as próximas vítimas ou de não quererem ser vistos na companhia de alguém que é considerado um “bobo” por alguns alunos.

Nos questionários, tanto os orientadores como os professores demonstraram afinidades na forma de perceber o relacionamento entre os alunos desta série. As respostas revelam que os educadores têm uma boa percepção dos conflitos

existentes em sala de aula e das exclusões dos grupos de amizades, quais os motivos destas exclusões e que estas geram déficit na aprendizagem, porém não identificam estes problemas com o *bullying*. Dos onze educadores, 6 responderam não terem participado de cursos sobre mediação de conflitos escolares, o que responde à falta de preparo nas intervenções necessárias para resolver o problema. Levando em consideração que estes educadores estão a 22,6 anos no exercício da profissão sem receberem a devida instrução, pode-se questionar sobre os métodos utilizados na contenção dos conflitos ocorridos em sala de aula. Se os métodos utilizados há mais de 20 anos fossem eficazes, com certeza os conflitos geradores da violência escolar já teriam sido erradicados das escolas.

6. Considerações finais

No contexto real em que atuam, os educadores são capazes de identificar características de *bullying* sem saber que o estão fazendo. Eles sabem os motivos das exclusões e dos conflitos, mas não os relacionam com o termo. Isso pode ser decorrente da falta de participação em cursos que abordem o tema. Em se tratando de *bullying* escolar, é imprescindível que o professor se sensibilize, que reconheça que é um problema e não simples brincadeiras de criança para, depois disso, aprofundar-se nas causas, conseqüências, métodos de prevenção, mediação e solução do *bullying* por meio de estudos e pesquisas para poder agir de forma adequada, distinguindo brincadeira de violência e agressor de vítima, tomando medidas que não sejam paliativas, mas que surtam efeitos a curto e longo prazo, proporcionando à vítima o sentimento de segurança e de respeito às suas diferenças e provocando no aluno agressor a consciência de que seus atos violam o direito à diferença e de que esta violação é passível de punição se não for contida.

Fazer com que o *bullying* seja reconhecido como um problema grave existente nas escolas é um grande desafio. Por isso, a maior contribuição que este estudo pode ter fornecido foi chamar a atenção dos profissionais da educação e da sociedade para um fenômeno que tem sido mascarado como brincadeira própria da idade escolar, mas que tem como finalidade a intimidação, humilhação e exclusão.

7. Referências bibliográficas

BALDRY, A. C.; FARRINGTON, D. P. Bullies e delinquentes: Características pessoais e estilos parentais. Tradução: Cristina Maria Coimbra Vieira. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra: Ediliber, Ano 34, n. 1/2/3, p. 195-221, 2000.

CARVALHO, R. G. G. Isolamento social nas crianças: propostas de intervenção cognitivo-comportamental. *Revista Iberoamericana de Educación*. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), n. 40/3, 2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1435Gil.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2008.

DANNA, M. F.; MATTOS, M. A. *Aprendendo a observar*. São Paulo: EDICON, 2006.

ESTRELA, M. T.; AMADO, J. S. Indisciplina, violência e delinquência na escola: Uma perspectiva pedagógica. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Coimbra: Ediliber, Ano 34, n.1/2/3, p. 249-271, 2000.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas: Verus Editora, 2005.

LOPES NETO, A.; SAAVREDRA, L. H. *Diga não para o bullying: Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes*. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2003.

MARTINS, M. J. D. *Agressão e Vitimação entre Adolescentes em contexto escolar: um estudo empírico*. *Análise Psicológica*, v. 4, n. 23, p. 401-425, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v23n4/v23n4a05.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2007.

MARRIEL, L. C. et al. Violência Escolar e Auto-estima de Adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742006000100003&lng=pt&nr m=iso>. Acesso em: 26 fev. 2008.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Tradução: Alessandra R. de Faria, Denise L. Rodrigues e Márcia A. Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1992.

OLWEUS, D. Hostigamiento y vejaciones em la escuela: um programa de intervención. *Perspectivas*, v. 2, n. 2, p.133-139, jun. 1996. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001047/104709so.pdf#104609>>. Acesso em: 08 jul. 2008.

SARAVALI, E. G. *Dificuldades de aprendizagem e interação social: implicações para a docência*. Taubaté: Cabral Editora, 2005.

Artigo recebido em: 29/06/2009

Artigo aprovado em: 02/08/2010